

## JOGOS COOPERATIVOS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS: UMA EXPERIÊNCIA NO PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA, COM UMA TURMA DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

**OSÉIAS SOINE PENNING<sup>1</sup>; TAINÃ DOS SANTOS NOVACK<sup>2</sup>; SAMUEL VÖLZ LOPES<sup>3</sup>; LUIZ CARLOS RIGO<sup>4</sup>:**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – oseiaspenning15@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – tainanovack@hotmail.com*

<sup>3</sup>*EMEF Olavo Bilac – samuelvolzlopes@gmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – rigoperini@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

A licenciatura em Educação Física tem como objetivo formar professores comprometidos com a educação como processo contínuo e transformador, unindo fundamentos teóricos e práticos para a formação integral frente aos desafios da docência (SOUZA, 2020). Nesse contexto, experiências de ensino, pesquisa e extensão são fundamentais, especialmente por meio de programas acadêmicos como o PIBID, que insere licenciandos no cotidiano das escolas públicas desde o início da formação. O programa promove vivência prática, incentivo à pesquisa sobre metodologias de ensino e aprendizagem e aproximação entre universidade e comunidade escolar, contribuindo para a valorização e o aperfeiçoamento da educação básica (BRASIL, 2020).

Diversas metodologias podem ser utilizadas para o aprendizado dos alunos. No desenvolvimento das atividades propostas, optou-se pela utilização de metodologias que privilegiam a aprendizagem colaborativa, com ênfase em trabalhos em grupo e jogos cooperativos. Essas estratégias foram selecionadas com o objetivo de estimular a interação entre os participantes, promover a construção coletiva do conhecimento e desenvolver habilidades socioemocionais, como a cooperação, o respeito às diferenças e a resolução de conflitos de forma conjunta.

O presente relato de experiência de ensino, do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), deu-se junto a Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac, localizada no bairro Fragata, em Pelotas-RS. Os bolsistas atuam em duplas, sob supervisão de um professor de Educação Física da instituição. A intervenção dos pibidianos acontece às segundas-feiras, com a turma do segundo ano do Ensino Fundamental vespertino, composta por 23 alunos (7 meninas e 15 meninos, incluindo dois com TEA).

Um dos objetivos das intervenções foi propor atividades que permitam compreender os comportamentos dos alunos e analisar como práticas baseadas em jogos cooperativos, estímulo à autonomia e incentivo ao relacionamento, podem contribuir para o desenvolvimento das relações interpessoais em sala de aula. As propostas buscam promover a formação de cidadãos conscientes, fortalecendo vínculos saudáveis e incentivando a convivência social de forma positiva.

### 2. ATIVIDADES REALIZADAS

No dia 2 de dezembro de 2024, realizamos nossa primeira visita à escola, onde tivemos a oportunidade de conhecer seu funcionamento, suas instalações e acompanhar uma turma em atividade naquele momento. A escola é bastante ampla, contando com uma sala de materiais para educação física, quadra coberta, pátios com brita e grama, além de uma praça recreativa. Durante essa visita inicial, socializamos com os alunos, conhecendo um pouco mais sobre eles e os espaços que mais gostam dentro da escola.

No primeiro semestre aproveitamos para observar como a turma se comportava nas aulas de educação física, tanto na participação, bem como suas interações e comportamentos em grupo. Identificamos uma turma participativa, mas alguns com entrosamento frágeis e um certo isolamento perante os colegas. Essa situação, em parte deve-se ao fato de que estávamos no começo do ano letivo. Conforme Silva e Ferreira (2015), a qualidade das interações afetivas pode interferir diretamente na aprendizagem, especialmente no início do ano letivo, momento em que os alunos ainda estão se ajustando ao ambiente escolar. Além disso, observa-se uma dificuldade natural dos estudantes em se relacionar com pessoas fora do seu círculo social, uma vez que estão transitando da fase pré-operacional para a fase das operações concretas.

Segundo Jean Piaget (1976), durante a fase pré-operacional, que vai aproximadamente dos 2 aos 7 anos, a criança apresenta um pensamento egocêntrico, caracterizado pela dificuldade em considerar o ponto de vista do outro. Com o início da fase das operações concretas, por volta dos 7 aos 8 anos, essa egocentricidade começa a diminuir, pois a criança passa a ser capaz de pensar logicamente sobre situações concretas e entender perspectivas diferentes das suas (JEAN PIAGET, 1976). Esse período de transição pode gerar desafios significativos na construção de vínculos afetivos e na adaptação às novas rotinas escolares.

Para organização da proposta pedagógica, as aulas organizadas por nós (pibidianos), são planejadas em conjunto com o professor supervisor, levando em consideração o projeto político pedagógico da escola, orientado pela Secretaria Municipal de Educação, e com base na BNCC e Documento Orientador Municipal (DOM). As atividades desenvolvidas, convidam os alunos a buscar a compreensão, experimentação e apreciação das práticas corporais, a convivência e o respeito à diversidade.

Quando ministramos a aula de esportes de marca, percebemos que a turma estava bastante agitada. Essa agitação resultou em um pequeno incidente: um aluno empurrou uma colega e fez comentários depreciativos sobre o desempenho dos colegas que apresentavam dificuldades nas atividades. Diante da reação dos demais alunos, interrompemos a aula para conversar com a turma sobre o ocorrido, refletindo sobre atitudes inadequadas. Nesse momento, identificamos a necessidade de abordar temas como empatia e respeito de forma mais direta.

Na aula seguinte, utilizamos recursos audiovisuais, dois vídeos disponíveis no YouTube, para introduzir esses temas. Após a exibição, promovemos um diálogo com os alunos, que demonstraram ótimo entendimento sobre o conteúdo abordado. Em seguida, realizamos atividades práticas focadas na colaboração e na ajuda mútua, utilizando dinâmicas cooperativas para reforçar a importância do trabalho em equipe, buscando integrar valores como respeito e solidariedade à vivência prática.

Ao longo do restante do ano letivo, optamos por seguir o calendário já definido, mas usando a abordagem de jogos cooperativos, utilizando atividades

lúdicas em que o foco está na colaboração entre os alunos para atingir objetivos em grupo. Essa escolha também favoreceu a inclusão, especialmente de alunos com TEA, e alunos mais extrovertidos, que encontraram nesse formato um espaço positivo de participação e interação.

Em nossas aulas, utilizamos o método de avaliação observacional que consiste em acompanhar e registrar o desempenho do aluno durante a realização de atividades práticas, permitindo ao professor identificar avanços, dificuldades e comportamentos relacionados ao aprendizado de forma contínua e contextualizada (DARIDO E RANGEL, 2005).

Com o decorrer do trabalho realizado, observou-se uma significativa melhora nos alunos, como durante as aulas de ginástica artística, nas quais foram trabalhados movimentos como o rolinho simples, a estrelinha e o aviãozinho, entre outros. Nessas ocasiões, foi possível perceber os colegas torcendo uns pelos outros, incentivando a participação e apoiando aqueles que manifestaram insegurança quanto à execução dos movimentos. Destacou-se também a iniciativa espontânea de alguns alunos em auxiliar os demais, fortalecendo o espírito de cooperação do grupo.

Além disso, nas aulas de esportes adaptados, foram desenvolvidas atividades que possibilitaram aos alunos compreender as limitações enfrentadas por pessoas com deficiências físicas nas práticas esportivas. Trabalhou-se, dessa forma, a colaboração entre os participantes, exemplificada pela prática de uma amarelinha adaptada, na qual os alunos deveriam pular dentro de arcos e realizar atividades específicas indicadas ao lado de cada um. As atividades eram realizadas em duplas, sendo que um dos alunos ficava vendado enquanto o outro atuava como guia, promovendo o trabalho em equipe e a empatia.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante nossa atuação com a turma foi possível perceber mudanças significativas ao longo do processo pedagógico. Observamos um crescente entusiasmo por parte dos alunos em participar das propostas apresentadas nas aulas, especialmente nas atividades cooperativas e lúdicas.

Destacamos, sobretudo, uma melhor interação entre os estudantes. Alunos que, anteriormente, demonstravam comportamento mais retraído ou isolado passaram a participar com mais frequência, interagindo de forma mais ativa com os colegas e se envolvendo nas dinâmicas propostas.

Apesar dos avanços observados, ainda ocorrem episódios pontuais de desrespeito e pequenos conflitos de convivência, algo comum no ambiente escolar. Ainda assim existem pequenos grupos formados dentro da turma, o que é natural nessa faixa etária, esses vínculos já não se apresentam tão fechados ou excludentes como no início. Notamos uma maior abertura ao diálogo e à convivência entre os diferentes grupos, o que contribui significativamente para a construção de um ambiente mais acolhedor e colaborativo. Essa melhora reforça o valor de metodologias que priorizam a cooperação, a inclusão e o desenvolvimento das relações interpessoais no contexto escolar. Libâneo (2005) destaca que a prática de jogos cooperativos promove, além da inclusão, o fortalecimento da autoestima, a superação de desafios, o resgate de valores, a resolução coletiva de problemas, o reconhecimento da importância do outro e o fortalecimento da autoconfiança.

Assim, seguimos desenvolvendo continuamente esses aspectos com a turma, retomando, sempre que necessário, reflexões sobre empatia, respeito e

cooperação, com o propósito de consolidar um ambiente harmonioso, inclusivo e favorável ao aprendizado coletivo. Nesse contexto, o PIBID desempenha papel fundamental na formação docente, ao possibilitar ao licenciando a vivência da prática pedagógica ainda durante a graduação, promovendo a integração entre teoria e prática. Além disso, as atividades do projeto fortalecem o vínculo entre a universidade e a educação básica.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 5 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 7, de 31 de março de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, licenciatura e bacharelado. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2 abr. 2004. Seção 1, p. 16.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FERNANDES, Lohana Lara Luz; COZER, Tatiane Siqueira Barrozo. A contribuição dos jogos cooperativos na Educação Física escolar no Ensino Fundamental. Revista Educação Pública. Disponível em: <https://www.isciweb.com.br/revista/777-a-contribuicao-dos-jogos-cooperativos-na-educacao-fisica-escolar-no-ensino-fundamental>. Acesso em: 12 ago. 2025.

PIAGET, Jean. *A psicologia da criança*. Tradução de Maria Lúcia de Arruda Aranha. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1976.

PIAGET, Jean. *Le langage et la pensée chez l'enfant*. 3. ed. [S.I.]: [s.n.], 1948. p. 63 e 67.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. Documento Orientador Municipal: Referencial Curricular da Rede Municipal de Ensino de Pelotas. Pelotas, RS: Secretaria Municipal de Educação e Desporto, 2020. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/754669282/DOM-Completo-Em-Word>. Acesso em: 30 maio 2025.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Secretaria da Educação. Referencial Curricular Gaúcho: Ensino Médio. Porto Alegre: SEDUC-RS, 2018. 817 p.

SILVA, Jacqueline da; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. A importância das interações afetivas entre professor e alunos do 1º ano do Ensino Fundamental. 2015. 22 f. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015

SOUZA, M. Formação de Professores de Educação Física: teoria e prática. São Paulo: Editora Educação, 2020.